

ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE: POSSÍVEIS COMPANHIAS NOS DESAFIOS PANDÊMICOS - COVID-19

SPIRITUALITY / RELIGIOSITY: POSSIBLE COMPANIES IN PANDEMIC CHALLENGES - COVID-19

Wladimir PORRECA¹

Recebido em: 11/05/2020

Aceito em: 05/06/2020

RESUMO

Este ensaio se propôs a refletir a companhia da espiritualidade e da religiosidade como um recurso no enfrentamento da realidade pandêmica do COVID-19. Um cenário que impactou a humanidade, colocando a pessoa humana, em suas mais variadas vertentes, diante dos ilusórios e frágeis pilares do individualismo e relativismo, que gerou sentimentos de impotências e inseguranças. Paradoxalmente, sem se afastar da realidade pandêmica, reacendeu nas pessoas a questão da busca do sentido à vida e de recriarem um novo movimento de solidariedade e compaixão, bem como foram mobilizadas por meio da transcendência humana à superação.

Palavras-chave: COVID-19. Espiritualidade. Religiosidade. Solidariedade. Compaixão.

ABSTRACT

This essay aimed to reflect the company of spirituality and religiosity as a resource in facing the pandemic reality of the COVID-19. A scenario that impacted humanity by placing the human person, in its most varied aspects, before the illusory and fragile pillars of individualism and relativism, which generated feelings of impotence and insecurity. Paradoxically, without departing from the pandemic reality, the issues of the search for the meaning of life rekindled in people and to recreate a new movement of solidarity and compassion, as well as, they were mobilized through human transcendence to overcome.

Keywords: COVID-19. Spirituality. Religiosity. Solidarity. Compassion.

¹ Universidade de Brasília.

1 E AGORA, JOSÉ?

Diante da pandemia mundial do novo coronavírus (SARS-CoV-2), houveram significativos impactos na economia, na política, na religião, na saúde pública e na saúde mental de toda a sociedade. Uma pandemia que assolou e mudou consideravelmente o estilo de vida, as estruturas e dinâmicas humanas e sociais das pessoas com efeitos temporários e a longo prazo. Como em outros tempos da história humana, as realidades pandêmicas levaram milhares à morte, sendo em todas elas presente a situação de solidão, medo e pânico, incertezas, desconfiança, estresses, empobrecimento.

Em pleno século 21, na era da genética, do digital, da nanotecnologia, das conquistas interplanetárias, não poderíamos imaginar que sofreríamos uma crise sanitária devastadora. Um vírus microscópico, corado por natureza, sentenciou-nos ao distanciamento, ao isolamento, à quarentena e condenou muitos à morte.

A pandemia da COVID-19 é o evento contemporâneo que mais se aproximou dos cenários distópicos até então vividos pela humanidade. Não tanto pela gravidade da doença, causada pelo vírus voraz e sua forma criativa de se movimentar, que não é superior à de outros vírus responsáveis por tragédias recentes, mas especialmente pela temporalidade e pela escala em que ela se dá, globalizando rapidamente uma experiência trágica que atravessa barreiras até então bem eficientes, como as relacionadas às hierarquias econômicas entre nações, entre continentes e entre camadas sociais. E ainda, por encontrar líderes governamentais incapazes de destinar recursos para a pesquisa, por não atribuírem a adequada importância ao conhecimento que já se tinha dos riscos de eventos similares e ações e meios que poderiam ter produzido melhores condições de enfrentá-los (ALGEBAIL; OLIVEIRA, 2020).

A realidade pandêmica recordou à sociedade hodierna as questões humanas existenciais e de sobrevivência, quando esta foi acordada por uma música de amedrontadora impotência e solidão. Por encontrar um terreno fértil de niilismo e individualismo, o desconhecido vírus se propagou e propaga pelo “conhecido”, isto é, por um outro ser humano, seu transmissor por excelência, que ficou privado do toque, do abraço, do contato, da presença, do outro, favorecendo ainda mais as emoções excessivas e persistentes de tristeza, raiva, culpa, pânico, medo, insegurança, que paralisaram o movimento da vida.

Nesse sentido, a realidade pandêmica da COVID-19 atualizou o poema “José”, de Carlos Drummond de Andrade (1942), quando este descreveu os sentimentos de solidão e abandono, a sua falta de esperança e a sensação de que está perdido na vida, sem saber que caminho tomar. “E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? E agora, você?”.

2 NUTRIR ESPERANÇAS DE MÃOS DADAS PARA ENFRENTAR A REALIDADE

A gravidade da eclosão da pandemia da COVID-19, com os seus devastadores efeitos, estabeleceu um paradoxo. O choque pandêmico, inesperado e violento, paralisou inúmeros setores da sociedade e, conseqüentemente, grande parte das pessoas. Contudo, por motivo de sobrevivência, gerou um movimento de ruptura nas antigas estruturas e dinâmicas pessoais e sociais, convencionadamente institucionalizadas e cristalizadas nos pilares do individualismo e relativismo, urgindo reconstruir diferentes estilos de vida e formas humanas de relacionar.

Na escola do desconhecido vírus que assola a humanidade, as pessoas aprenderam a estar mais próximas em torno de um problema comum: buscar compreender, aceitar, adaptar, valorizar e criar diferentes soluções em manter e promover a vida ameaçada. O vírus nos uniu, mesmo com a resistência de alguns em negar, desqualificar, reduzir a gravidade da pandemia, ou mesmo com o estado catatônico de pânico e estresses acentuado de outros.

A expansão da doença COVID-19 levou a humanidade a questionar e rever as enrijecidas, fragmentadas e reducionistas premissas antropológicas, psicológicas, sociais e espirituais, aceitas como “normais” na vida e relações humanas; provocou repensar e recriar o humano e suas relações “com grandes esperanças”.

Desencantados, fomos desafiados e provocados a “tocar com as mãos” aquilo que está diante de nós: a fragilidade humana e a necessidade de um eu no outro e o outro em mim. Uma dança nem sempre harmoniosa, mas que pode ultrapassar conceitos e ideologias fragmentadas, materiais e fenomênicas, que pareciam tão sólidas e inabaláveis.

O coroado vírus descoroou a pessoa humana da ilusória onipotência, outrora cristalizada e alimentada pela sociedade do lucro, e possibilitou que ela se deparasse com a ausência ou timidez dos atributos existenciais e originários da natureza humana, como: a beleza, a unicidade, a veracidade, o desejo do infinito e outros, nas prioridades de vida.

Quando começou o terror da disseminação do novo coronavírus, quem achava que a redução dos contatos físicos, em especial não dar as mãos, seria apenas uma orientação sanitária, percebeu que a falta destes reacendeu o desejo de “ser” mais perto e intensificar mais as relações humanas. Aqueles que pensaram em estocar para si, pelo medo de faltar o básico, puderam certificar que a partilha e a compaixão ainda estão em moda, no grande abraço da solidariedade com os mais necessitados. E as pessoas que se sentiam sufocadas e escondidas pelo uso de máscaras, comprovaram que o respirar é uma dádiva da liberdade, e os olhos sorriem mais que os lábios e refletem uma beleza sem ruga e sem mancha, porque abrem as janelas das almas.

A flor mais bela que nasceu nesse ardiloso e pedregoso terreno da COVID-19, onde persiste a existência de ervas daninhas que veem no sofrimento alheio a oportunidade de obter lucro e voto, foi o incrível e escandaloso movimento de solidariedade e compaixão nas relações humanas. Solidariedade que gerou a celeridade de grupos organizando redes para auxiliar os contingentes de desfavorecidos e o reconhecimento dos preciosos trabalhos dos profissionais que estão em contato de forma mais direta com o vírus. Compaixão em compartilhar as dores e os sofrimentos vividos por famílias que perderam seus entes queridos, e em tantos outros, e na proximidade no cuidado do outro. Os atributos humanos de solidariedade e compaixão ultrapassaram os muros da religião, etnia, idioma, orientação sexual ou camada social (BARROS, 2020).

O grande poeta modernista brasileiro Carlos Drummond de Andrade tinha razão, o movimento de superação é próprio da pessoa humana. Diante da imponderável e avassaladora COVID-19, a humanidade experiencia o grande desafio de nutrir a esperança que habita cada pessoa, ressignificando e transcendendo a realidade que se impõe no cotidiano concreto ou imaginário, mesmo com todos os seus conflitos, sofrimentos e mazelas.

Em uma das partes do poema “Mãos Dadas”, Drummond (1940), em meio a realidades sombrias de guerra, expôs as suas experiências de transcendência quando descreveu que se sentia preso à vida em um mundo caduco e que buscava condições para não abandonar e nem se afastar da realidade desafiadora que a vida impunha. E quando olhou seus companheiros, enxergou que, dentro das pessoas tristes que via, existia algo a mais do que a realidade sombria que experienciavam, estes se nutriam com grandes esperanças.

Não serei o poeta de um mundo caduco. Também não cantarei o mundo futuro. Estou preso à vida e, olho meus companheiros. Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças. Entre eles, considero a enorme realidade. O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. (ANDRADE, 2012, p. 34).

De diversos modos, a partir da sua cultura, crenças, condição social e idiossincrasias, as pessoas buscavam e buscam, juntas, elaborar uma forma de lidar com os acontecimentos e sentimentos consequentes da pandemia. Em diferentes vozes, compôs-se um coral, para cantar uma música de estrofes de humanidades e de um refrão desenhado no caminho obnubilado de incertezas, angústias e inseguranças na urgência inevitável da vida.

3 AS COMPANHIAS DA ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE

Em suas diferentes variações, a espiritualidade e a religiosidade (E/R) podem ser grandes e preciosas companhias na arte de rever, reinventar e reorganizar o humano e suas relações em tempos pandêmicos. Elas influenciam, quando não condicionam ou mesmo determinam, os paradigmas de como as pessoas construíram e constroem suas vidas e relações.

A E/R são duas experiências humanas integradas, interligadas e interrelacionadas nos seus diferentes elementos (FREITAS; VILELA, 2017). Ao mesmo tempo em que se tratam de realidades distintas, elas se encontram e são complementares porque “se a espiritualidade me faz buscar o sentido para a minha vida, no encontro com a religiosidade, esta busca abarca também o além da vida, o último” (PINTO, 2009, p. 74).

As companhias da E/R favorecem o enfrentamento da crise sanitária da COVID-19, por se colocarem à serviço de uma tarefa, dentro de uma circunstância determinada que exija engajamento, sentido, significado; que orientam o ser humano a um para quê, que pode ser sempre encontrado, em qualquer situação, mesmo no sofrimento (CARRARA, 2016).

No enfrentamento da crise sanitária da COVID-19 que ameaça a vida, a E/R é um recurso eficaz e eficiente que evidencia e mobiliza a transcendência humana. São recursos por implicarem uma referência maior daquela que se tem, uma crença protetiva, não só individual, mas coletiva da solidariedade, um fortalecer na superação, um encontro e experiência com um Outro. Recursos que favorecem o empenho em dar sentido para o próprio existir e agir da vida, conforme são alimentados, desenvolvidos e organizados, colaborando com a tarefa em ultrapassar a própria realidade pandêmica, dando sentido e fortalecendo o movimento da vida, em especial na solidariedade e compaixão.

Nesse tempo inesperado de pandemia da COVID-19, com os seus contornos e limites na existência humana, a E/R, por integrar várias dimensões do cuidado e da saúde, podem ser uma companhia verdadeira, porque não, sadia e saudável, na convivência e cuidado da pessoa no contexto da saúde, pois possibilitam outras formas de viver, onde os limites são aceitáveis sem ser destrutivos: a atenção e valorização da pessoa, o fortalecimento e a superação de vícios, a cooperação mútua, a liberdade e o estabelecer fronteiras na concordância aos limites, a alteridade, a resignação, a esperança e tantos outros. Tanto favorece a saúde, que, em 1998, a Organização Mundial da Saúde (OMS) incluiu a dimensão espiritual no conceito multidimensional de saúde.

A E/R especialmente é acompanhada por uma esperança que nutre a luta pela sobrevivência, o poder da resiliência diante da doença, a reflexão sobre a significação e ressignificação da realidade pandêmica, o processamento da notícia de testagem positiva do novo coronavírus e a

disposição dos meios internos para esse enfrentamento, a reaproximação de culturas, crenças e das pessoas na busca de solucionar um único problema (TAVARES, 2020).

Importante considerar que, de acordo com as variações de como a E/R se manifesta na vida das pessoas e suas relações, “uma maneira de encarar a vida” (LUKAS, 1990, p. 15), a companhia da E/R no tempo pandêmico pode ser também um fator de risco e doença, quando não colabora para com a qualidade de vida das pessoas e relações, se fecha e não compartilha com ciência e outros saberes, reduz a realidade e dimensão humana de transcendência e o bem-estar.

Assim, diante de um desconhecido e, ainda, coroado nanovírus, que, no terreno fértil de ilusórias onipotências, procura impor o seu reinado avassalador, ameaçando paralisar o movimento da vida, eis que surge a pergunta: “E agora, José?”

Diante da provocação da realidade pandêmica, a E/R pode ser uma companhia que nos impulsiona a seguir, sem nos distrair. Sem deixar-nos levar por qualquer “solução”, proposta, explicação, a fim de distrair-nos da provocação de vivermos intensamente esse tempo de grande aprendizagem e oportunidades. Ou mesmo em esvaziar o acontecimento que nos alcançou, reduzindo-o a um âmbito de relações que nos proteja do impacto das coisas, no esforço de manter o velho estilo de vida que não nos cabe mais, ou ainda, que nos poupe do desafio das circunstâncias de renascer pessoas mais humanas, portanto, mais solidárias e compassivas (CARRÓN, 2020).

Então, a pergunta de Drummond (E agora, José?) não é o ponto final da poesia, mas a vírgula, porque a humanidade está “presa à vida” em toda a sua amplitude, sendo capaz de transcender as circunstâncias taciturnas do cenário pandêmico e em revisitar os seus atributos humanos, outrora reduzidos pelos sistemas individualista e relativista, que a mobilizaram retomar a impulsão, acompanhada por um anseio de respostas, da busca sobre o sentido da vida e das relações humanas.

A doença COVID-19 trouxe muitos desafios, mas também grandes possibilidades, dentre elas a de reconstruir o reflorescimento de uma nova humanidade, com um olhar aberto, pela transcendência, que vá além do óbvio, e integre conhecimentos e crenças pela solidariedade e compaixão.

As E/R são companhias frutos de um encontro com um Outro e outros, que possibilitam transcender a realidade da pandemia da COVID-19 e são capazes, ainda mais no tempo presente, a dar contorno à realidade vivida. Companhias que nutrem a esperança, por serem capazes de colaborar na superação e busca de sentido e significados construídos, impulsando a pessoa humana a não se afastar da realidade, mas nela encontrar respostas possíveis às experiências dolorosas e angustiantes, reacendendo o farol “das mãos dadas” na solidariedade e compaixão.

Talvez a companhia da E/R será mais necessária quando a pandemia da COVID-19 passar, porque a realidade a ser vivida não será a vida, mas o “para quê” viver.

REFERÊNCIAS

ALGEBAIL, E.; OLIVEIRA, F. J. G. de. A superação do capitalismo em questão: com que prática, em qual direção? **Espaço e Economia - Revista Brasileira de Geografia Econômica**, Ano VII, n. 13, 2018. Disponível em:

<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/11131>. Acesso em: 05 mai. 2020.

ANDRADE, C. D. **José**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Sentimento do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARROS, F. B. Sobre dor, sofrimento e esperança: o novo coronavírus e a condição humana no antropoceno. **Ethnoscientia**, v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <http://www.ethnoscientia.com/index.php/revista/article/viewFile/290/113>. Acesso em: 02 abr. 2020.

CARRARA, P. S. ESPIRITUALIDADE E SAÚDE NA LOGOTERAPIA DE VICTOR FRANKL. **INTERAÇÕES**, v. 11, n. 20, p. 66-84 2016.

CARRÓN, J. **Carta**. Destinatário: Movimento Comunhão e Libertação. Milão, 12 de março de 2020. 1 carta. Disponível em: <https://por.clonline.org/cm-files/2020/03/13/jc-lettera-frat-coronavirus-120320-por.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2020.

FREITAS, M. H.; VILELA, P. R. Leitura fenomenológica da religiosidade: implicações para o psicodiagnóstico e para a práxis clínica psicológica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 23, n. 1, p. 95-107, 2017.

LUKAS, E. **Mentalização e saúde**. Petrópolis: Vozes, 1990.

PINTO, E. B. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião**, Ano 9, v. Dezembro, p. 68-83, 2009.

TAVARES, C. Q. Dimensões do cuidado na perspectiva da espiritualidade durante a pandemia pelo novo coronavírus (COVID-19). **Journal Health Npeps**, v. 5, n. 1, p. 1-4, 2020. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/04/1095168/4517-15943-1-pb.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.